

ANÁLISE CONTRASTIVA DOS MOVIMENTOS RETÓRICOS DO GÊNERO PREFÁCIO EM LIVROS DE QUÍMICA E LINGUÍSTICA

Ana Claudia Menezes Araujo*

RESUMO: Este artigo trata de uma análise dos movimentos retóricos de prefácios de livros de Química e de Linguística, embasada na retórica contrastiva apresentada por Carvalho (2005) em seu estudo sobre resenhas acadêmicas à luz da sociorretórica, em Swales (1990; 2004), Araujo (1999), Bakhtin (2003), Devitt (2004), Bezerra (2006, 2009), Motta-Roth (1998), Miller (2012), entre outros autores que abordam sobre a análise de gêneros. Objetivamos identificar semelhanças e diferenças na configuração dos dois sistemas retóricos. Procedemos à investigação das regularidades de cada *corpus*, observamos os movimentos retóricos e estabelecemos a análise contrastiva. Os resultados demonstram que há semelhanças e divergências na movimentação retórica dos prefácios das áreas investigadas, manifestadas através de subfunções particulares em cada sistema. A análise nos propiciou constatar, ainda, que os gêneros enquanto ação social apresentam regularidades, todavia, em virtude de se realizarem em situações de interação, podem apresentar contrastes dentro de uma mesma classe.

Palavras-chave: Prefácios de livros de Química e de Linguística. Movimentos Retóricos. Análise Contrastiva.

ABSTRACT: This research paper is an analysis of rhetorical moves in preface genre of chemistry and linguistics books, based on contrastive rhetoric presented by Carvalho (2005) in her study about academic reviews in the light of social rhetoric under Swales (1990; 2004), Araujo (1999), Bakhtin (2003), Devitt (2004), Bezerra (2006, 2009), Motta-Roth (1998), Miller (2012), among others authors that deal on the analysis of genres. We aim to identify similarities and differences in the configuration of the two rhetorical systems. We proceed the investigation of regularities of each *corpus*, observing the rhetorical moves and establishing a contrastive analysis. The results have shown there are similarities and differences in the rhetorical moves of prefaces of the areas investigated, raised through particular subfunctions in each system. The analysis led us to note also that the genre as a social action have regularities, however, due to be held in interaction situations may present contrasts within the same class.

Keywords: Prefaces of Chemistry textbooks and Linguistics. Rhetorical moves. Contrastive Analysis.

1 Introdução

A análise de gêneros tem se tornado uma prática bastante comum no universo acadêmico nos últimos anos. Com o intenso florescimento da diversidade dos gêneros na sociedade houve também um crescente interesse dos pesquisadores em analisar as diversificadas formas e as inúmeras utilizações que esse conceito pode assumir.

* Mestre em Letras Estudos de Linguagem pela Universidade Federal do Piauí – UFPI. Professora Auxiliar I da Universidade Estadual do Maranhão Campus Santa Inês.

Se, por um lado, os estudos nessa área cresceram e, de forma espantosa, alcançaram grande destaque nas pesquisas atuais, por outro, percebemos, como consequência dessa expansão, uma grande variabilidade de interpretação, orientação e estruturação na literatura existente. Isso torna a pesquisa e o estudo do papel dos gêneros na sociedade algo bastante complexo.

São encontrados poucos estudos sobre o gênero prefácio, principalmente no que diz respeito à análise de gêneros na perspectiva sociorretórica e na análise contrastiva. Podemos citar Bezerra (2006, 2009, 2009b), estudos sobre os gêneros introdutórios, dos quais o prefácio faz parte e este autor analisa os propósitos comunicativos e os movimentos retóricos desses gêneros.

No presente artigo analisamos prefácios de livros de Química e de Linguística, objetivando descrever a movimentação retórica dos prefácios selecionados a fim de compreender sua estrutura funcional potencial, bem como o uso que cada autor faz dela, considerando para isso, a perspectiva dos estudos sociorretóricos de gêneros.

Para fundamentar o trabalho aqui empreendido, utilizamo-nos da retórica contrastiva, tal como apresentada por Carvalho (2005) em seu estudo sobre resenhas acadêmicas que segue o modelo teórico de análise de gêneros de Swales (1990, 2004), Araujo (1999), Bakhtin (2003), Devitt (2004) e Bezerra (2006, 2009), Motta-Roth (1998), Miller (2012), entre outros autores que abordam sobre a análise de gêneros.

Com vistas a uma melhor estruturação e entendimento das partes que o compõem, organizamos o artigo em duas seções. Na primeira seção enfatizamos diferentes concepções de gênero e o papel que essas concepções trouxeram para a pesquisa na área, conceituamos e caracterizamos a situação retórica e também os movimentos retóricos que foram utilizados como base para a análise dos prefácios. Na segunda seção abordamos os gêneros introdutórios, focalizando, especialmente, o prefácio. Nesse item conceituamos e caracterizamos tal gênero, procurando ressaltar suas características e seus propósitos comunicativos.

Com o levantamento dos textos escolhidos em função da diferença de áreas – Química (Ciência da Natureza) e Linguística (Ciência Humana) - procedemos à investigação das regularidades de cada corpus, observamos a estruturação, a distribuição e a utilização dos movimentos retóricos dos mesmos, nomeamos cada movimento

retórico, bem como suas subfunções particulares e estabelecemos a análise contrastiva entre os prefácios das duas áreas. Por fim, ressaltamos as conclusões a que chegamos após o procedimento de pesquisa e análise dos textos escolhidos.

2 Gêneros como ação social: situação retórica e movimentos retóricos

Com base na visão bakhtiniana de gêneros do discurso como “formas relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2003, p. 262), podemos inferir que os gêneros, configurados em enunciados, organizam aquilo que é dito, desempenhando papéis e exercendo funções específicas no seio da comunicação. Por esse prisma, os gêneros dão-se de acordo com a situação de uso da língua, e as interações ocorrentes entre os indivíduos coordenam, de certa forma, o uso desses gêneros. Carvalho (2005) corrobora essa ideia quando ressalta que gêneros estruturam e organizam as ações e interações sociais, tanto naquilo que elas têm de semelhante ou de inusitado.

Miller (2012) concebe gênero como uma ação social, ou seja, uma realização que ocorre dentro de uma situação retórica, em que indivíduos produzem seus textos para responder a exigências sociais. De acordo com sua abordagem, o aspecto da ação social é amplo e complexo, pois engloba a forma e a substância do gênero e também dá a ele um caráter pragmático, realizável dentro de um contexto de uso, envolvendo indivíduos agentes, intenções comunicativas e reações emitidas por esses participantes.

Em consonância com a noção de gênero como ação social proposta por Miller, Devitt (2004) considera que a construção de um gênero significa também a construção de uma situação, uma vez que o gênero implica já uma situação. Assim, quando um determinado gênero é produzido, nós assumimos o papel de leitores, reconhecemos suas características e, conseqüentemente, esse reconhecimento nos norteia também a reconhecer sua situação. Em virtude disso, Devitt coloca, ainda, que o ato de construir um gênero, ou seja, de criar ou perceber seus traços formais, é também o ato de construir a situação (DEVITT, 2004).

Nessa abordagem, o gênero é um construto social que se desenvolve de acordo com a situação comunicativa, envolvendo os interactantes e seus objetivos, e exercendo funções específicas dentro da comunidade na qual se realiza. Assim, a situação

retórica na qual o gênero se insere terá papel fundamental na sua construção, pois, como ressaltava Miller (2012, p. 29-30):

Situações são construtos sociais que resultam, não de “percepção”, mas de “definição”. Uma vez que a ação humana é baseada em (e guiada por) sentido e não de causas materiais, no centro da ação encontra-se um processo de interpretação. Antes de podermos agir, precisamos interpretar o ambiente material indeterminado; definimos, ou “determinamos”, uma situação.

Esse processo de interpretação da situação guiará, então, o falante na construção do gênero adequado. É com base nessa visão proposta por Miller (2012), de situação como ação construída, que entendemos que todas as situações podem apresentar-se como ações recorrentes na construção da comunicação em sociedade e essas recorrências ajudarão os indivíduos a definir determinadas tipificações de gêneros, já que estes atendem a situações específicas que podem ser genéricas a outras. Para Miller (2012, p. 29), “a recorrência é inferida por nossa compreensão de situações como sendo, de alguma forma, “comparáveis”, “similares”, ou “análogas” a outras situações”. Dessa maneira, em cada situação comunicativa que os indivíduos julgarem, consciente ou inconscientemente, semelhantes a outras, procurarão adequar determinado gênero que corresponda, de forma responsiva, àquela situação imediata.

Os gêneros introdutórios, como o prefácio, objeto de estudo neste artigo, são criados dentro de determinada situação retórica, exercem funções próprias, direcionam-se a um público leitor potencial e apresentam propósitos comunicativos também particulares e que são, por sua vez, de grande valia para a identificação do gênero. De acordo com Swales (1990, p. 58), “o propósito comunicativo opera para manter o escopo de um gênero, estritamente focado numa ação retórica comparável”, ou seja, há uma relação estreita entre o propósito comunicativo do gênero e sua estrutura. E, além disso, percebemos que os gêneros são utilizados em determinadas situações e em outras não, o que também auxilia no seu reconhecimento.

A respeito desses gêneros que são construídos mais comumente no meio acadêmico, Bathia (2001, p. 111) comenta que “uma das características mais notáveis de qualquer comunidade discursiva acadêmica ou profissional é a disponibilidade e o uso típico de uma série de gêneros apropriados, que os membros pensam servir aos objetivos

daquela comunidade.” Nesse caso, os gêneros acadêmicos atenderão a públicos específicos, de forma que sua movimentação retórica esteja voltada para os objetivos e para as necessidades dos mesmos.

Nesse âmbito, a movimentação retórica dos gêneros diz respeito à configuração do processo de composição das informações presentes nesses gêneros, fazendo-os assemelhar-se a outros a partir de regularidades observadas. Consoante Swales (2004, p. 228), os movimentos retóricos de um gênero são “unidades retóricas que executam funções comunicativas coerentes em discursos escritos ou orais”.

Nesse sentido, de acordo com Paré e Smart (1994, *apud* CARVALHO, 2005, p. 136), “a análise dos movimentos retóricos de textos pertencentes a um mesmo gênero seria um dos caminhos para verificar a existência de regularidades na organização da informação”. Dessa forma, dentro da perspectiva de gênero como ação social, observar o que existe de regular na movimentação retórica de um grupo de textos, nos dá a possibilidade de compreender as funções socioretóricas desse gênero.

Swales (1990) apresentou um modelo de análise descritiva da organização textual dos resumos e, nesse estudo, identificou os *moves* (movimentos retóricos) que constituíam os estágios da organização discursiva do gênero resumo, podendo também esse modelo ser aplicado à análise a outros gêneros acadêmicos e de pesquisa, cada um com suas particularidades. Segundo Araujo (1999, p. 27), “de acordo com esse modelo, ‘*move*’ é um bloco de informação de texto que tem um propósito comunicativo particular menor e que serve a um propósito comunicativo maior do gênero”. Assim, quando nos propomos a descrever a organização discursiva dos prefácios, estaremos fazendo a descrição dos *moves* que compõem esse gênero e que, por sua vez, desempenham diferentes propósitos comunicativos tanto individuais como sociais.

Araujo (1999, p. 27) explica que “todos esses *moves* são identificados através das pistas lexicais e gramaticais que auxiliam o leitor a reconhecer a função comunicativa de cada *move* no texto”. Observemos, entretanto, que um *move* pode aparecer em mais de uma sentença, ou ainda, que mais de um destes pode aparecer numa mesma sentença. E, atentando para a definição de *move* proposta por Swales (2004, p. 228), como sendo “uma unidade discursiva ou retórica”, em consonância com o que explicara Araujo, acima, percebemos que essa ideia de unidade não corresponde, exatamente, a um

parágrafo ou bloco de palavra determinadas por uma extensão linear, mas à informação em si, contida no texto, seja num parágrafo especificamente, seja diluída em várias partes do texto.

Corroborando essa ideia, Motta-Roth (1998) comenta que um movimento retórico, definido como um bloco de texto, pode se estender por mais de uma sentença, realizando uma função comunicativa específica e, juntamente com outros movimentos, constituir a totalidade da estrutura informacional que deve estar presente no texto para que esse possa ser reconhecido como um exemplar de um determinado gênero do discurso. Então, reafirmamos aqui a importância da situação de comunicação em que são produzidos esses gêneros para que possam ser reconhecidos.

A situação recorrente, como já foi dito, auxilia na compreensão, adequação e construção do gênero por parte dos leitores e produtores destes. Paré e Smart (1994 *apud* CARVALHO 2005, p. 136) “entendem que uma situação recorrente demanda um desempenho retórico e social por parte de um escritor, desempenho esse que também se repete, formando um padrão complexo, no qual se percebem inter-relações”. Percebemos, assim, que a movimentação retórica do gênero, que constitui a sua composição, auxilia o leitor na identificação e consequente compreensão desse gênero.

2.1 Gêneros introdutórios: movimentação retórica do prefácio

Os gêneros introdutórios desempenham o papel de introduzir ou apresentar outros gêneros aos quais são agregados, como é o caso dos prefácios, apresentações, resumos e outros, que vêm imbricados a livros acadêmicos, com o propósito de apresentar a obra aos leitores. Bezerra (2006, p. 80), conceitua gêneros introdutórios como “os gêneros textuais que, no corpo físico do suporte em que se localiza uma obra acadêmica, usualmente se agregam ao gênero ou gêneros principais como uma proposta de leitura prévia, em termos de orientação, síntese ou convite à leitura da obra em si”.

Nesse sentido, ressaltamos que os gêneros apresentam propósitos comunicativos que se manifestam em sua construção discursiva, uma vez que são utilizados para realizar alguma função ou objetivo que serão definidos a partir das diferentes práticas sociais em que se realizarem, com o vislumbramento de públicos alvos

específicos. Assim, conforme expõe Bezerra (2009, p. 466), “o propósito comunicativo tem a ver com aquilo que os gêneros realizam na sociedade, admitindo-se, porém, que o propósito de um gênero não é necessariamente único ou pré-determinado”.

Para Swales (2004), na análise dos gêneros, é importante ressaltar a dimensão social dos propósitos comunicativos, pois, segundo ele, os gêneros podem apresentar tanto propósitos particulares (que dizem respeito às intenções particulares dos produtores ou coordenadores da produção dos gêneros), como propósitos socialmente reconhecidos. Este autor ressalta, ainda, que “esses propósitos na verdade são múltiplos” (SWALES, 2004, p. 71). Temos, pois, que não é possível indicar um único propósito para cada gênero, mas vários, e cada um deles obedecendo a intenções dos produtores e adequando-se às práticas sociodiscursivas.

O gênero pré-textual “prefácio” caracteriza-se como um gênero destituído de autonomia para circular isoladamente no meio social, uma vez que é apresentado pelo livro, que é o suporte material desse gênero. Nesse sentido, Marcuschi (2003:11) caracteriza o livro como “um *locus* físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto”.

O texto do prefácio direciona-se geralmente à apresentação do conteúdo de uma obra, indicando as partes constitutivas da mesma. O prefaciador pode ser o próprio autor da obra ou um autor convidado, que redige seu texto no intuito de fazer uma apreciação da obra que prefacia. Dimas (*et al* 2006) comenta que o prefácio coloca em ação uma retórica da descrição metalinguística e informação também da persuasão ou do convencimento e movimenta uma gramática textual em que signos verbais buscam situar autor e leitor no mesmo espaço e no mesmo tempo, no mesmo universo de referência.

Nesse gênero (quando feito pelo próprio autor), o prefaciador sempre procura construir uma boa imagem de si e da obra prefaciada, levando o leitor a informar-se do que se trata, bem como interessar-se pela leitura do livro. No que diz respeito aos prefácios de livros impressos, sua configuração retórica pode variar de uma área de estudos para outra e os prefácios apresentarem movimentos retóricos que atendam aos objetivos do autor inter-relacionados com os objetivos da obra prefaciada.

Bezerra (2009) ressalta que a construção desse gênero, assim como de outros gêneros introdutórios que se agregam aos livros, visa cumprir propósitos comunicativos

específicos como orientar o leitor, estabelecer as credenciais, defender a relevância da publicação em apreço, entre outros.

Em outros meios de divulgação, como os *online*, esse gênero pode apresentar algumas particularidades, como por exemplo, sua publicação em separado do livro, em forma de *link*. Bezerra (2009) expõe que não é plausível que um prefácio seja publicado em separado da obra a que se refere, a não ser no caso dos livros digitais, que são disponibilizados por livrarias e editoras para consulta na *Web*, para suprir a ausência física do livro e estimular o interesse de leitores possíveis.

Os prefácios, consoante foi observado, apresentam em sua estrutura dois principais movimentos retóricos, quais sejam: *Apresentação do livro* e *Descrição das partes do livro*. Esses movimentos têm o intuito de levar o leitor a um conhecimento prévio acerca da estruturação e da organização da obra, constituindo-se um incentivo à continuidade da leitura. Apesar de essa estruturação perpassar a maioria dos prefácios, muitos apresentam, além desses, outros movimentos retóricos que enriquecem e corroboram a exposição e a apresentação da obra prefaciada.

Neste estudo, interessa-nos observar as características da movimentação retórica de prefácios de áreas distintas, no intuito de verificar as regularidades presentes no gênero que o caracterizam como tal, bem como as diferenças presentes nos mesmos, de acordo com a área específica.

3 Metodologia

Tomando como base para esta análise o trabalho de Carvalho (2005) a respeito do estudo da movimentação retórica de resenhas acadêmicas em inglês e português, a partir das regularidades presentes no *corpus*. Tal qual essa autora, partimos do modelo teórico de análise de gêneros sob a perspectiva sociorretórica, de Swales (1990), a qual contempla a identificação dos movimentos retóricos (*moves*) e utilizamos, ainda, por base, a noção de gênero como ação social (MILLER, 2012), segundo a qual se devem observar entre outras, as regularidades presentes em um conjunto de textos representativos do mesmo gênero.

Dessa forma, este estudo apresenta uma análise contrastiva dos movimentos retóricos de prefácios da área de Química e Linguística, buscando identificar semelhanças e diferenças entre esses dois sistemas retóricos.

O *corpus* da pesquisa constitui-se de uma amostra de quatro prefácios, selecionados dentro de um conjunto de oito exemplares estudados, sendo dois da área de Química e dois da área de Linguística, todos apresentando como prefaciadores os próprios escritores dos respectivos livros. A escolha desse *corpus* deu-se a partir de observações feitas nesses dois sistemas retóricos que participam da mesma classificação *gênero prefácio*, mas que, no entanto, apresentam diferenças quanto à sua movimentação retórica, com destaque para algumas características, como a forma de abordagem feita pelo autor para com o leitor e o tratamento dado à disciplina objeto do livro.

A análise dos contrastes foi feita mediante a identificação e a descrição dos movimentos retóricos, com suas subfunções, seguindo-se à apresentação de exemplos comprobatórios retirados dos prefácios em estudo. Foram apresentados os movimentos retóricos comuns aos dois *corpora* e aqueles que os diferenciam.

Nomeamos para efeito de identificação na análise, os textos da seguinte forma:

Prefácios de Química: PQ1 – BALL, 2006 (Livro: *Físico-Química*); PQ2 – RUSSELL, 1994 (*Química Geral*).

Prefácios de Linguística: PL1 – BOUQUET, 2004 (*Introdução à leitura de Saussure*); PL2 – PERINI, 2001 (*Gramática descritiva do português*).

4 Análise dos movimentos retóricos dos prefácios

Os padrões de organização retórica dos dois pares de prefácios apresentaram, em comum, os três movimentos retóricos, a seguir: 1. *Apresentação e avaliação do livro*; 2. *Descrição das partes do livro*; e 3. *Agradecimentos*. No que concerne aos movimentos 1 e 2, percebemos a partir da análise, que estes mostram-se como fixos no corpo do gênero estudado, embora apresentem algumas características particulares.

Assim, os dois primeiros movimentos retóricos analisados apresentam algumas subfunções comunicativas que divergem de um sistema retórico para o outro, e o

terceiro apresenta apenas uma subfunção. Seguindo o modelo de análise do padrão retórico das resenhas acadêmicas apresentado por Carvalho (2005), procedemos à análise das regularidades e dos contrastes presentes nos prefácios de Química (PQ) e prefácios de Linguística (PL), mediante os quadros abaixo, que resumem os movimentos retóricos 1, 2 e 3 mencionados, com as respectivas subfunções identificadas na configuração interna destes.

<i>Movimento retórico 1: Apresentação e avaliação do livro</i>	PQ1	PQ2
<i>Subfunção 1: Definindo o assunto ou tema do livro</i>	X	X
<i>Subfunção 2: Apresentando o objetivo do livro</i>	X	X
<i>Subfunção 3: Delimitando os potenciais leitores</i>	X	X
<i>Subfunção 4: Avaliando o livro</i>	X	X
<i>Subfunção 5: Relacionando a disciplina com outras áreas</i>	X	X
<i>Subfunção 6: Falando da divisão estrutural dos livros de Química em geral</i>	X	-
<i>Subfunção 7: Estimulando o aluno/leitor do livro</i>	X	X
<i>Subfunção 8: Criticando obras de outros autores</i>	X	-
<i>Movimento retórico 2: Descrição das partes do livro</i>	PQ1	PQ2
<i>Subfunção 1: Descrevendo a organização geral do livro</i>	X	X
<i>Subfunção 2: Especificando cada parte do livro</i>	-	X
<i>Movimento retórico 3: Agradecimentos</i>	X	X
<i>Subfunção 1: Agradecendo aos colaboradores</i>	X	X

Quadro 01: Padrão dos movimentos retóricos dos prefácios da área de Química

<i>Movimento retórico 1: Apresentação e avaliação do livro</i>	PL1	PL2
<i>Subfunção 1: Definindo o assunto ou tema do livro</i>	X	X
<i>Subfunção 2: Apresentando o objetivo do livro</i>	-	X
<i>Subfunção 3: Delimitando os potenciais leitores</i>	X	X
<i>Subfunção 4: Avaliando o livro</i>	X	X

<i>Movimento retórico 2: Descrição das partes do livro</i>	PL1	PL2
<i>Subfunção 1: Descrevendo a organização geral do livro</i>	X	X
<i>Subfunção 2: Especificando cada parte do livro</i>	-	X
<i>Movimento retórico 3: Agradecimentos</i>	X	X
<i>Subfunção 1: Agradecendo aos colaboradores</i>	X	X

Quadro 02: Padrão dos movimentos retóricos dos prefácios da área de Linguística

Podemos observar, a partir dos quadros, que há diferenças na configuração interna dos movimentos retóricos das duas áreas, em relação às subfunções identificadas. Em ambos identificamos como subfunções comuns dentro do movimento retórico 1. *Apresentação e avaliação do livro*, as subfunções que seguem: 1. *Definindo o assunto ou tema do livro*; 2. *Apresentando o objetivo do livro*; 3. *Delimitando os potenciais leitores e* 4. *Avaliando o livro*. As quatro subfunções que seguem foram identificadas somente na movimentação retórica dos prefácios da área de Química: 5. *Relacionando a disciplina com outras ciências*; 6. *Falando da divisão estrutural do livro*; 7. *Estimulando o aluno/ leitor do livro*; 8. *Criticando obras de outros autores*. A seguir expomos a análise de cada movimento retórico e suas respectivas subfunções.

O movimento retórico 1. *Apresentação e avaliação do livro* apresenta algumas subfunções e, por meio delas, o prefaciador-autor, ao apresentar seu livro, indica o(s) assuntos tratados, esclarece sobre seu tema e objetivo(s), identifica os potenciais leitores daquela área do saber. Nos prefácios de Química percebemos a realização do movimento retórico 1, a partir do qual os prefaciadores definem o assunto ou tema do livro (subfunção 1. *Definindo o assunto ou tema do livro*) logo no início do texto, de forma breve, como no texto PQ2, ou de forma detalhada, em vários parágrafos, discorrendo ao longo do texto, comentários em torno do assunto tratado, como no PQ1. Nos prefácios de Linguística, percebemos nos dois textos analisados a presença da subfunção 1. Tanto em PL1 como em PL2 a definição do assunto ou tema do livro ocorre logo no início do texto.

A subfunção 2. *Apresentando o objetivo do livro* diz respeito à apresentação do objetivo da obra, o que possibilita ao leitor ter uma ideia geral e selecioná-la também

em função de seus objetivos com relação à procura por determinado assunto. Podemos perceber essa subfunção em todos os prefácios tomados para estudo, com exceção do PL1, situado no livro *Introdução à leitura de Saussure*, de Simon Bouquet. Os prefácios da área de Química apresentam essa subfunção de duas maneiras: no texto PQ1, o objetivo é apresentado em terceira pessoa do singular, enquanto no PQ2, o autor coloca o objetivo em primeira pessoa do singular, particularizando sua fala. A seguir, temos os fragmentos retirados dos *corpora*:

(01) “*Físico-Química* pretende ser um *livro-texto* para um curso de físico-química com duração de um ano, fundamentado em cálculo, para estudantes de ciência engenharia”. (PQ1 – BALL, 2006, p. 13).

(02) “Uma das minhas propostas principais ao escrever este *livro-texto* é narrar aos leitores aqueles aspectos da realidade física que são revelados pela química. Outra proposta é dar ao aluno uma medida de intuição química proveitosa”. (PQ2 – RUSSELL, 1994, p. 37).

Ainda a respeito da subfunção 2, nos prefácios da área de Linguística verificamos que os objetivos aparecem em primeira pessoa do singular em PL2, em que os autores expõem seus objetivos como se esses fossem propósitos não da obra e sim deles mesmos. No PL2 não se observou a marcação do objetivo da obra. Abaixo temos o exemplo:

(03) “Meu objetivo é contribuir para uma reorientação radical dos estudos de língua portuguesa: do exame das gramáticas para o exame dos fatos da língua – sem desprezar o exame das gramáticas, mas submetendo-as a uma crítica rigorosa”. (PL2 – PERINI, 2001, p. 05).

A subfunção 3. *Delimitando os potenciais leitores* desempenha o papel de direcionar a obra ou identificar o público leitor específico da mesma, por este fazer parte de uma comunidade discursiva particular que compartilha os mesmos interesses por esta área do conhecimento. Foi identificada a terceira subfunção em ambos os *corpora*. Detectamos nos prefácios da Química essa subfunção em PQ1, a partir da qual os prefaciadores identificam os leitores para os quais a obra direciona-se, limitando-a a professores da área e alunos matriculados no curso de Química. Todavia, no PQ2, observamos essa movimentação retórica nos próprios subitens do prefácio intitulados AO

ALUNO e AO INSTRUTOR, trazendo instruções, tanto ao estudante de Química, quanto ao professor da disciplina. Com essa movimentação retórica, os prefaciadores indicam a obra àqueles que devem lê-la, por constituir um conhecimento específico da área. O exemplo a seguir traz a comprovação de PQ1:

(04) “Meu desejo é que tanto estudantes quanto professores apreciem este livro como um livro básico de físico-química”. (PQ1 – BALL, 2006, p. 04).

Nos prefácios da área de Linguística constatamos que foi feita a delimitação dos leitores a que a obra é direcionada, tanto em PL1 como em PL2. No PL1, de forma bastante sutil, o autor indica os potenciais leitores de sua obra, já no PL2, encontramos uma indicação de leitores mais específica e direcionada. Seguem os exemplos:

(05) “Além do interesse pedagógico notável que representa o acesso à letra autêntica do programa saussuriano para uma iniciação à ciência da linguagem das quais é objeto universalmente mais proposto aos estudantes”. (PL1 - BOUQUET, 2004, p.18).

(06) “A presente *Gramática* não tem a finalidade de ser utilizada nas salas de aula de primeiro ou segundo grau. Ao preparar o texto, pareceu-me indicado dirigir-me, em um primeiro momento, aos profissionais da área: professores de primeiro e segundo graus, alunos e professores dos cursos de Letras”. (PL2 – PERINI, 2002, p 16).

A subfunção 4. *Avaliando o livro* foi identificada PQ1 e PQ2. Essa subfunção tem caráter tanto informativo quanto de julgamento das obras prefaciadas. No PQ1, essa avaliação é feita de forma explícita, a partir da comparação com demais livros da área e realce das qualidades da obra em questão, em detrimento de outras. Já em PQ2, essa movimentação retórica é dada de forma mais sutil, com um tom mais elogioso do prefaciador em relação aos benefícios que o aluno obterá lendo o seu livro. Podemos ver isso claramente nos exemplos abaixo:

(07) “Ele deve ser utilizado em sua totalidade e não contém informações em excesso (como ocorre com outros livros de físico-química), que os cursos de graduação não abrangem”. (PQ1 – BALL, 2006, p.03).

(08) “O principal foco deste livro está nos conceitos básicos e fundamentais por meio dos quais os alunos podem crescer e obter êxito, tanto em cursos subsequentes de química como em outros campos e no desempenho de suas vidas”. (PQ2 – RUSSEL, 1994, p.37).

Nos prefácios de Linguística, da mesma forma, encontramos avaliação da obra nos exemplares PL1 e PL2, e esta avaliação aparece de maneira bastante sutil, sendo resumida a simples pontos de vista dos autores acerca de seus trabalhos. A seguir, temos os exemplos que comprovam:

(09) “Dissipar todos esses mal entendidos e, feito isso, permitir a releitura de Saussure em sua letra original não é, certamente, algo sem importância nos dias de hoje”. (PL1 - BOUQUET, 2004, p.18).

(10) “Esta *Gramática* deve ser entendida como uma contribuição para a reformulação do ensino gramatical entre nós”. (PL2 – PERINI, 2002, p. 16).

Conforme explica Swales (1990), além de um propósito comunicativo em comum, exemplares de um gênero exibem vários padrões de similaridade, em termos de estrutura, estilo, conteúdo e público alvo. Nesse sentido, nos foi exequível reconhecer esses elementos supramencionados nos dois grupos de prefácios de áreas distintas, através da análise da movimentação retórica de ambos configurada nas subfunções acima identificadas, fazendo-os, assim, serem reconhecidos como protótipos dessa tipologia de gênero, o prefácio.

As subfunções que seguem, 5, 6, 7 e 8, apresentadas nos próximos parágrafos, foram encontradas somente nos prefácios da área da Química, conforme vemos no quadro 1. A partir da subfunção 5. *Relacionando a disciplina com outras áreas*, os prefaciadores fazem uma abordagem sobre a relação que a Química mantém com outras disciplinas, como a Matemática, por exemplo, em que uma pode auxiliar no processo de aprendizagem da outra. Acreditamos que, ressaltando essa relação, o autor intenta demonstrar que a disciplina Química tem uma considerável relevância, pois tem seus conhecimentos apropriados por outras áreas e isso implicará na aprendizagem de todas essas disciplinas que estão relacionadas e com tais considerações enfatiza a importância da interdisciplinaridade. Vejamos os exemplos:

(11) “Muitos instrutores e muitos livros, às vezes, podem pressupor demasiada expectativa a respeito das habilidades matemáticas dos estudantes e, conseqüentemente, muitos estudantes falham não porque não sabem química, mas porque não conseguem acompanhar a matemática”. (PQ1 – BALL, 2006, p. 3).

(12) “Os alunos se inscrevem em um típico curso de química geral, formando um grupo heterogêneo. Seus conhecimentos em ciência e matemática, suas leituras de compreensão, seus hábitos de estudos e suas motivações variam grandemente”. (PQ2 – RUSSELL, 1994, p.37).

Demonstrando a relação existente entre a Química e outras disciplinas, o autor-prefaciador intenciona despertar o interesse do aluno para o estudo da disciplina e levá-lo a perceber tais relações. Essa subfunção do movimento retórico 1 foi verificada no PQ1 acima, no segundo parágrafo, de forma bastante explícita. No PQ2 ocorreu de forma mais breve e com menor ênfase.

Nessa análise, observamos também nos prefácios da área da Química a subfunção 6. *Falando da divisão estrutural dos livros de Química em geral*, do primeiro movimento retórico, segundo a qual os prefaciadores citam a forma de organização das partes nas quais os livros de Química são geralmente subdivididos. O discurso apresentado pelos prefaciadores revela uma crítica à forma como os demais autores dividem os estudos de Química, que restringem os conhecimentos da área, e pode representar também uma tentativa de provocar o interesse pelo seu livro em detrimento de outros. Essa subfunção foi identificada apenas no PQ1, em que verificamos essa ocorrência no quinto parágrafo, de forma objetiva e breve, iniciando uma parte do texto que a compara à divisão que é feita no referido livro, como podemos constatar no exemplo:

(13) “A maioria dos livros de físico-química segue uma fórmula para cobrir os tópicos principais: 1/3 de termodinâmica, 1/3 de mecânica quântica e 1/3 de termodinâmica estatística, cinética e vários outros tópicos”. (PQ1 – BALL, 2006, p. 03).

A outra subfunção identificada somente nos prefácios da área da Química foi 7. *Estimulando o aluno/ leitor do livro*. Com essa subfunção, os autores manifestam um discurso de estimulação aos alunos enquanto estudantes dessa área. A ocorrência dessa subfunção pode ser justificada em função da área de estudos ser considerada pela comunidade acadêmica e pela comunidade em geral como sendo de difícil compreensão. Essa interpretação está de acordo com a postulação de Bhatia (1994), segundo a qual, as diferenças observadas nos movimentos retóricos decorrem de diferenças específicas dos

contextos comunicativos de cada sistema retórico e, nesse caso, a área de Química distingue-se da área de Linguística.

E, através dessa interação autor-leitor, é legitimada a importância desse saber científico, bem como a necessidade de os acadêmicos estudarem para que possam apreender esses conhecimentos úteis às suas vidas e estarem inseridos no mundo científico. Verificamos, pois, em PQ1 e P24 essa realização. Seguimos abaixo com os fragmentos que apresentam tal observação:

(14) “Estudantes: um curso com duração de um ano, vocês podem estudar *todo* o livro; e certamente são capazes disso”. (PQ1 – BALL, 2006, p.04).

(15) “A química não se move tão rápido, porém seus conceitos tendem a estabelecer conceitos prévios, e, caso fique muito para trás, você se perderá. A recuperação pode ser muito difícil. Não desanime!”. (PQ2 – RUSSELL, 1994, p. 36).

Observamos, ainda, nos prefácios de Química a subfunção 8. *Criticando obras de outros autores*, e nesta, os prefaciadores fazem um apanhado da forma como os livros de Química de outros autores estão organizados de acordo com conteúdos e visando determinados objetivos, criticando essa forma de organização, por limitar a aprendizagem dos alunos e priorizar assuntos que não são considerados, para os prefaciadores, como relevantes. Com essa forma de discurso, o autor intenciona convencer o leitor de que seu livro é de mais fácil compreensão, já que os outros aos quais eles têm acesso são complexos, e tenta ganhar adeptos à sua leitura, ao discurso de suas ideias sobre os conhecimentos da área. Essa subfunção foi detectada somente em PQ1. A seguir, apresentamos um fragmento do texto que comprova o que foi dito:

(16) “Muitos livros contêm tantas informações que afugentam os estudantes. Muitos deles são ótimos livros – como fonte de consulta, na estante de um professor, ou para um aluno estudar para os exames de pós-graduação. Mas e para os alunos de graduação em química ou em engenharia química estudando físico-química pela primeira vez? É muito complexo?”. (PQ1 – BALL, 2006, p. 03).

O movimento retórico 2. *Descrivendo as partes do livro*, faz a apresentação da estrutura do livro, utilizando as subfunções apresentadas nos quadros, referentes aos dois *corpora*. Esse movimento retórico revela a importância de apresentar previamente a estrutura do livro ao leitor, para que este possa conhecer os assuntos dos quais trata o

livro e, posteriormente, interessar-se por sua leitura. Nos prefácios de Química observamos a realização deste movimento retórico de formas distintas. No PQ1, o autor faz a apresentação das partes do livro, utilizando a primeira subfunção (Quadro 1) que especifica o assunto de cada parte do livro, seguida da segunda subfunção que detalha cada uma dessas partes a partir da explicação dos capítulos. E no PQ2 o prefaciador faz a apresentação detalhada da organização geral do livro (subfunção 1), direcionando a fala para o aluno e depois para o professor, comentando cada sessão que compõe o livro e, em seguida, faz a descrição minuciosa do que será trabalhado em cada capítulo (subfunção 2).

Nos livros de Linguística também constatamos a presença da subfunção 1 nos exemplares PL1 e PL2. Como a própria denominação da subfunção diz, nos dois prefácios em que foi possível constatar essa descrição, os autores, de maneira sucinta e genérica, descrevem a organização do manual. A especificação do assunto de cada parte do livro (subfunção 2), aparece apenas em PL2.

O movimento retórico 3. *Agradecimentos*, a partir da subfunção 1. *Agradecendo aos colaboradores*, consiste numa ação segundo a qual os prefaciadores agradecem às pessoas que colaboraram para a produção do livro. Esse movimento caracteriza o reconhecimento, por parte, do autor, de que a concretização da obra só foi possível a partir dessa colaboração de todos. Quanto aos prefácios de Química, esse movimento foi observado nos PQ1 e PQ2. No PQ1 o autor dedicou uma página completa para esse movimento e agradeceu de forma individualizada a cada colaborador (alunos, professores, editores, revisores etc.). E no PQ2 o autor utiliza-se de um hipertexto para realizar esse movimento, intitulado-o *Agradecimentos*, o qual não é parte constitutiva do prefácio, mas poderá ser consultado pelo aluno em outra página.

Na análise que fizemos dos livros de Linguística também foi possível detectarmos a presença do movimento retórico 3. Constatamos esse movimento nos dois prefácios tomados para análise, PL1 e PL2. O PL1 apresenta uma particularidade interessante, em que o autor faz seus agradecimentos em nota de rodapé, não fazendo esse item parte do corpo do texto do prefácio. No PL2, por sua vez, o autor faz seus agradecimentos ao final do texto, utilizando para isso três parágrafos.

Reafirmando o que nos tem exposto Swales (1990), um gênero comporta uma classe de eventos comunicativos, assim como os movimentos retóricos dos prefácios estudados, em que os membros compartilham um conjunto de objetivos comunicativos comuns. E esses objetivos compartilhados são reconhecidos pelos membros particulares da comunidade que o gerou e, por isso, constituem a razão do gênero.

Consideramos, então, que “o propósito comunicativo do gênero é concomitantemente um critério privilegiado e um critério que opera no sentido de assegurar seu âmbito de ação, aqui concebido como estritamente focado numa ação retórica similar” (SWALES, 1990, p. 45). Assim, de maneira geral, a configuração retórica dos dois grupos de prefácios apresentam essa ação retórica similar, distinguindo-se, apenas, em alguns movimentos particulares, em função daquilo que é compartilhado pela comunidade acadêmica de cada área de estudos, sem contudo, afetar ou alterar o esquema discursivo próprio do gênero “prefácio”.

5 Considerações finais

Os prefácios, conforme observamos em pesquisas até agora, apresentam em sua configuração dois principais movimentos retóricos, que são *Apresentação do livro* e *Descrição das partes do livro*. Um terceiro movimento retórico também pode ser observado, que é aquele que se refere aos *Agradecimentos*, como vimos na análise aqui apresentada.

Adotando a metodologia de estudo da retórica contrastiva, como apresentada por Carvalho (2005), podemos observar divergências na movimentação retórica dos prefácios das áreas de Química e de Linguística. Primeiramente, os prefácios de Química apresentaram algumas subfunções que não são percebidas nos prefácios de Linguagem, como: 5. *Relacionando a disciplina com outras áreas*, 6. *Falando da divisão estrutural dos livros de Química em geral*, 7. *Estimulando o aluno/leitor do livro* e 8. *Criticando obras de outros autores*. Essa observação requer atenção especial, podendo ser analisada com mais profundidade em estudos posteriores.

Esses movimentos que diferenciam os dois sistemas retóricos mostrados nos quadros do item 3, podem dar-se em função da disciplina Química mostrar-se, diante da

comunidade acadêmica em geral, como uma disciplina de elevado grau de dificuldade. Outra explicação que supomos justificar essa diferença constatada nos movimentos retóricos é a necessidade que os prefaciadores sentem, enquanto professores e, conseqüentemente, autores dos livros, de apresentarem uma obra de fácil entendimento, que possa despertar o interesse e sanar as dificuldades dos acadêmicos e dos professores. É, portanto, para mostrar a superioridade (no sentido didático) de seu livro em detrimento de outros já publicados na área, que os prefaciadores depreciam outros autores e obras.

É importante observar, ainda, as formas como o movimento retórico 3. *Agradecimentos* apresentou-se. Nos prefácios de Química observaram-se agradecimentos individualizados, com dedicação de página inteira e por indicação de hipertexto que guiaria o leitor a outra página, e nos prefácios de linguagem observou-se a menção dos agradecimentos dentro do texto e também em nota de rodapé.

Nesse estudo contrastivo apresentamos apenas alguns dos movimentos retóricos que podem ser observados na configuração dos prefácios, com destaque para aqueles manifestados a partir das subfunções identificadas no movimento maior que os diferenciam. Contudo, uma análise mais criteriosa poderá identificar também outros movimentos retóricos que estruturam o gênero prefácio escrito por autores de áreas distintas, como também o seria em prefácios escritos por autores que não são os próprios escritores dos livros, assim como o desempenho regular ou cíclico desses movimentos.

A partir dessa análise, demonstramos, então, que os gêneros enquanto ação social apresentam regularidades que os caracterizam como uma tipologia, mas em virtude de realizarem-se em interações sociais, com a participação de indivíduos com objetivos próprios, atenderem a públicos diferentes, exercerem papéis e funções distintas, podendo apresentar contrastes dentro de sua própria classe.

Referências

ARAUJO, Antonia Dilamar. Uma análise da organização discursiva de ‘resumos’ na área de educação. **Revista do GELNE**, vol. 1, n° 1, p. 26-30, 1999.

BHATIA, Vijak K. *Language and professional settings*. New York: Longman, 1994.
_____. **Análise de gêneros hoje**. Tradução de Benedito Gomes Bezerra. *Revista de Letras*, vol. 1/2, n. 23, p. 102-115, jan/dez, 2001.

BEZERRA, Benedito Gomes. **Gêneros introdutórios em livros acadêmicos**. 2009. 256 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

_____. **Gêneros introdutórios digitais**: apresentando livros na Internet. V SIGET (simpósio internacional de estudos de gêneros textuais: o ensino em foco), 5. ed., 2009, Caxias do Sul – RS. Anais, Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2009. p. 1-14.

_____. Gêneros introdutórios em ambiente virtual: uma (re)análise dos propósitos comunicativos. **Ling(Dis)curso**. Palhoça, SC, vol. 9, n. 3, p. 463-476. set./dez. 2009.

CARVALHO, Gisele de. Gênero como ação social em Miller e Bazerman: o conceito, uma sugestão metodológica e um exemplo de aplicação. 130-149. In: MEURER, J. L. BONINI et al. (Orgs.). **Gêneros**: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

DEVITT, A mmy J. **Writhing genres**. Carbondale: Southern Illinois University Press, 2004. 345 p.

DIMAS, A et al. (Orgs.). **Reinventar o Brasil**. São Paulo: Edusp, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. 2003. A questão do suporte dos gêneros textuais. **DLCV: Língua, Linguística e Literatura**, João Pessoa, v. 1, n. 1, p. 9-40.

MILLER, Carolyn R. **Gênero textual, agência e tecnologia**. Tradução de Judith Hoffnagel. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

MOTTA-ROTH, Désirée; HENDGES, Graciela R. Uma análise transdisciplinar do gênero abstract, **Revista Intercâmbio**, Vol. VII, p. 125-134, 1998.

SWALES, J. **Genre analysis**: English in academic and research settings. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

Swales, J. (2004). **Research genres**: Explorations and applications. New York, NY: Cambridge University Press.